

CADERNOS
PROARQ 37 v.2

MIRANDULINA MOREIRA AZEVEDO

Cidades-Jardins na Revista La Cité: Urbanisme, Architecture e Art Public (1919-1935)

*Garden Cities in the La Cité Magazine: Urbanisme, Architecture and Art Public
(1919-1935)*

Mirandulina Moreira Azevedo

Professora adjunta em regime de dedicação exclusiva na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS. Pós-doutorado em curso no Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU-USP - São Carlos sob o tema: Urbanismo, Preservação e Reconstrução no entre guerras: a cidade (re) vista, pesquisadora do grupo YBY- Grupo de Estudos Fundiários, Políticas Urbanas, Produção do espaço e da Paisagem. Linha de pesquisa: Territórios e Cidades: Transformações, Permanências, Preservação. Em 2015 finalizou Pós-Doutorado PNPd/CAPES "Registros em revista da arquitetura em São Paulo (1900-1920): Reflexões sobre sua Preservação" pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)". Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo (1988) pela Universidade Federal do Ceará (UFC), realizou mestrado (1996) e doutorado (2003) pela Universidade de São Paulo (USP).

Adjunct Professor under exclusive dedication at the Federal University of Mato Grosso do Sul UFMS. Postdoctoral in progress at the Institute of Architecture and Urbanism IAU-USP - São Carlos, on the subject: Urbanism, Preservation and Reconstruction in the interwar period: the city (re)viewed, researcher at the YBY-Group of Land Studies, Urban Policies, Production of space and landscape. Line of research: Territories and Cities: Transformations, Permanence, Preservation. In 2015, completed a Post-Doctoral PNPd/CAPES "Records in architecture magazine in São Paulo (1900-1920): Reflections on its Preservation" by the School of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP)". Graduated in Architecture and Urbanism (1988) at the Federal University of Ceará (UFC), holds a master's degree (1996) and a doctorate (2003) from the University of São Paulo (USP).

mira.m.azevedo@gmail.com

Resumo

O presente artigo é o primeiro resultado parcial de investigação de pós-doutorado iniciado em 2020, intitulado Urbanismo, preservação e reconstrução no entre guerras: a cidade (re) vista. O intuito do projeto é revisitar o tema da cidade no período do entre guerras a partir de uma leitura que considere reconstrução e preservação como práticas discursivas coetâneas e de mútua influência relacionadas ao urbanismo. No interesse de uma revisão do debate e das propostas do período encaminhou-se uma metodologia voltada para a análise mais ampla das práticas discursivas da época, discernindo recorrências, diferenças e contradições que permitem divisar nuances e recuperar aspectos pouco discutidos nas interpretações mais conhecidas. Nesse artigo em especial o objetivo é rever, no âmbito da disciplina de teoria e história da arquitetura e urbanismo, como o tema do modernismo deixou passar do primeiro plano do debate certas experiências políticas entre as quais destacamos um determinado conjunto de cidades-jardim, localizadas principalmente na Bélgica. É justamente a vertente belga da cidade-jardim que se constitui o foco central nesse escrito, em particular. Nossa fonte principal é a revista belga La Cité: Urbanisme, architecture e art public (1919-1935), periódico que nasceu das necessidades de reconstrução do período do entre guerras e se valia principalmente de uma cultura internacionalista solidária e do entendimento de que é no plano da cidade que a política é feita. A experiência da cidade-jardim belga diferencia-se bastante da noção original da cidade-jardim inglesa. Foi baseada critérios de planejamento e gestão no interesse coletivo, de leitura de paisagem, de formas variadas de moradia e de experimentos com materiais novos combinados a práticas tradicionais de construção. Na situação atual de crise da cidade relembrar a experiência diferenciada da cidade-jardim belga, a partir da revista citada, La Cité, tem para a crítica contemporânea o valor de um manifesto retroativo. A contribuição que sinalizamos à história da arquitetura e do urbanismo no século 20 se dá tanto pelo reconhecimento dessa notável fonte bem como pela abordagem proposta de pensar à época um novo urbano.

Palavras-chave: Cidade; Política; Revista; Modernismo.

Abstract

This article is the first partial result of a postdoctoral research initiated in 2020, entitled 'Urbanism, preservation and reconstruction in the period between wars: the city (re) viewed'. The intent of the project is to revisit the topic of the city in the period between wars from a point of view considering reconstruction and preservation as contemporary discursive practices and mutual influence relating to urbanism. In the interest of reviewing the debate and the propositions of the period in question, the chosen methodology aimed a broader analysis of the discursive practices of the time, distinguishing between recurrences, differences and contradictions, that allow us to discern nuances and recover aspects rarely discussed in the best-known interpretations. In this article, particularly, the purpose is to review, in the scope of the discipline that studies theory and history of architecture and urbanism, how the modernism theme has left out certain political experiences among which we highlight a certain set of garden cities, located in the foreground of the debate, mainly in Belgium. It is precisely the Belgian aspect of the garden city, in particular, that constitutes the central focus of this writing. Our main source of research is the Belgian Magazine La Cité: Urbanisme, architecture and art public (1919-1935), a periodical magazine that originated out of the need of reconstruction in the interwar period and was mainly based on a solidary internationalist culture and on the understanding that it is in the city plan that politics are made. The Belgian Garden City experience is quite different from the original notion of the English Garden City. Planning and management criteria were based on collective interest, landscape reading, varied forms of housing and experiments

combining new materials with traditional construction practices. In the current situation of the crisis of the city, recalling the distinguished experience of the Belgian garden city, based on the aforementioned magazine, La Cité, has, for contemporary critics, the value of a retroactive manifesto. The contribution that we indicate to the history of architecture and urbanism in the 20th century is given both by the recognition of this remarkable source and by the proposed approach to think of a new urban based at that time.

Key-words: City; Politics; Magazine; Modernism.

Resumen

Este artículo es el primer resultado parcial de una investigación postdoctoral iniciada en 2020, titulada *Urbanismo, preservación y reconstrucción en el período de entreguerras: la ciudad (re) vista*. El objetivo del proyecto es retomar el tema de la ciudad en el período de entreguerras, a partir de una lectura que considera la reconstrucción y la preservación como prácticas discursivas contemporáneas con influencia mutua relacionada con el urbanismo. En interés de una revisión del debate y las propuestas de la época, se desarrolló una metodología encaminada a un análisis más amplio de las prácticas discursivas de la época, discerniendo recurrencias, diferencias y contradicciones que permitan discernir matices y recuperar aspectos poco discutidos. En las interpretaciones más conocidas. En este artículo, en particular, el objetivo es revisar, en el ámbito de la teoría e historia de la disciplina de la arquitectura y el urbanismo, cómo la temática del modernismo ha dejado ciertas experiencias políticas entre las que destacamos un determinado conjunto de ciudades jardín, ubicadas en el primer plano del debate, principalmente en Bélgica. Es precisamente el aspecto belga de la ciudad jardín lo que constituye el foco central de este escrito, en particular. Nuestra fuente principal es la revista belga *La Cité: Urbanisme, arquitectura y arte público (1919-1935)*, una publicación que nació de la necesidad de reconstrucción en el período de entreguerras y se basó principalmente en una cultura solidaria internacionalista y la comprensión de que es en el plan de la ciudad donde se hace la política. La experiencia de Belgian Garden City es bastante diferente de la noción original de English Garden City. Los criterios de planificación y gestión se basaron en el interés colectivo, la lectura del paisaje, las variadas formas de vivienda y la experimentación con nuevos materiales combinados con las prácticas tradicionales de construcción. En la actual situación de crisis de la ciudad, recordar la experiencia diferenciada de la ciudad jardín belga, a partir de la citada revista, *La Cité*, tiene para la crítica contemporánea el valor de un manifiesto retroactivo. El aporte que señalamos a la historia de la arquitectura y el urbanismo en el siglo XX viene dado tanto por el reconocimiento de esta notable fuente como por el planteamiento propuesto de pensar en un nuevo urbanismo en ese momento.

Palabra clave: Ciudad; Política; Revista; Modernismo.

Introdução

A nossa investigação procura confrontar a narrativa mais conhecida da disciplina da História da arquitetura e do Urbanismo acerca do século 20, que em parte foi construída a partir de um determinado debate do Modernismo travado em algumas revistas de mais ampla circulação com outras narrativas de revistas menos conhecidas que foram coetâneas das primeiras mais famosas. Nosso interesse é menos completar possíveis lacunas historiográficas do que ativar a revisão de um determinado contexto de experiência social.

As revistas que em seu tempo referenciavam debate profissional constituem-se, hoje, observatório privilegiado para indagações contemporâneas acerca da formação do pensamento arquitetônico moderno. Nossa primeira contribuição ao tema está registrada no livro organizado por Marieta Dá Mesquita (1954-2011): *Revistas de Arquitetura: Arquivos da Modernidade*¹; o capítulo: “Uma nova ordem para a cidade a partir da casa: Registro em Revista do Engo. Víctor da Silva Freire Júnior”.

Com esta investigação, descortinou-se o vasto potencial das revistas de engenharia, sua importância histórica, e em especial, seu valor epistemológico, de modo a considerá-las chave também para a compreensão da arquitetura produzida nas duas primeiras décadas do século 20 resultando no nosso primeiro projeto de pós-doutorado realizado no período (2014-2015).

O segundo pós-doutorado “Urbanismo, preservação e reconstrução no entre guerras: a cidade (re) vista” apoia-se na mesma abordagem metodológica: pressupõe a existência de uma ‘episteme’, que pode ser definida como

uma estrutura conceitual ou conceito distributivo que não contém a Ordem em si, como tal: dentro de uma cultura específica e num dado momento histórico há apenas uma ‘episteme’ capaz de definir as condições de possibilidade de qualquer conhecimento, se manifestado como teoria ou latente como prática. (TEYSSOT, 2010, p.34).

O recorte se dá no delineamento de uma nova problemática viabilizada por uma abordagem que faz de revistas de arquitetura e urbanismo objeto epistemológico. A revista *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935), disponível on-line, serve de fio condutor à medida que confrontada por outros periódicos da época revelou uma face menos conhecida do debate do século 20 que relemos na condição de um manifesto retroativo² crítico pois “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato ele foi’³. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1985, p.224).

O tema da reconstrução e da preservação no entre guerras tem sido tratado de forma sucinta pela bibliografia de referência. Há a contribuição de Gustavo Giovannoni, autor cuja obra concilia urbanismo e restauro (CHOAY, 2001, 2011; KÜHL, 2009, 2013;

1 O livro conta com cerca de vinte colaboradores e é resultado de uma pesquisa mais ampla intitulada “Arquiteturas de Papel-Imagens e Projectos de arquitectura no início do século XX através da Construção Moderna (1900-1919)”.

2 Tomando de empréstimo a expressão de Rem Koolhaas em seu livro *Delírio de Nova York* no qual o autor estuda a cidade entre 1890 e 1940, uma nova cultura (a idade da máquina?) escolheu Manhattan como laboratório: uma ilha mítica onde a invenção e teste de um modo de vida metropolitano e a sua arquitetura respectiva podiam ser procuradas como uma experimentação coletiva na qual toda a cidade se converteu numa fábrica de experiência humana, onde o real e o natural deixaram de existir. (...).

3 Referência às teses do texto “sobre o conceito de história”, a tese 6: Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato ele foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: *Obras escolhidas Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.224.

PANE, 2013, RUFINNONI, 2013). Segundo Carbonara (2010) o alto nível de destruição dos monumentos na Segunda Guerra despertaria mais interesse em termos de debate do que a Primeira Guerra e teria implicado na substituição do paradigma do restauro científico pelo restauro crítico.

Sob outro prisma, Tafuri (2012) referiu-se à necessidade de flexibilidade metodológica: muitos inícios para muitas histórias. A revisitação de determinados temas a partir de periódicos da época tem se revelado promissora. Há registros que sugerem relações significativas entre reconstrução, preservação e urbanismo, temas que têm sido tratados em separado, e que, postos em conjunção podem levar ao delineamento de uma nova problemática. Se, como considera Jannièr (2016) o interesse historiográfico pelas revistas de vanguarda dos anos 1920 e 1930 atingiu o auge na década de 1980, ainda falta muito para uma revisão do debate do urbanismo, dos temas da reconstrução e da preservação das cidades.

De acordo com Sica (1981) um ciclo de debates sobre urbanismo se iniciou com o periódico *La Ciudad Lineal* (1897) de Arturo Soria Y Mata e se ampliaria com revistas como *Der Städtebau* (1904), *The American City* (1909), *La Cité Jardin* (1912), *La Vie Urbaine* (1919), *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935) e *Garden Cities and Town Planning* (1930), entre outras.

A revista belga *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935) destacou-se pelo tratamento da problemática da reconstrução relacionada à preservação das heranças das cidades oferecendo novos contornos para a leitura dessas questões. Com visão internacionalista a proposta editorial da revista *La Cité* expõe a existência de uma cultura urbanística europeia pautada pelo conhecimento histórico e artístico das cidades aos quais se somavam especialistas em urbanismo de diversos países, em especial, Inglaterra, França, Estados Unidos e Holanda. Neste artigo, nosso interesse está voltado para o tema de cidade-jardim, a sua aplicação em escala menor, de bairro, relacionado a uma estrutura urbana.

O contexto da releitura: pensamento sobre a cidade

Donatella Calabi registra que no final do século 19 ao começo do século 20 emerge uma cultura urbana que se representa pela estética urbana. Camilo Sitte em *A Construção da Cidade segundo seus princípios artísticos* explicita essa relação cidade e estética. Os termos Art urbain, Art Public, Civic Art, Stadt-Baukunst, City Beautiful aparecem em debates e ações e circulam na Europa em revistas. A primeira, *Stadtbaukunst* de Cornelius Gurlitt, gênero de história crítica da arte e análise urbana, Charles Buisson com *L'Esthétique des Villes* (1893) faz parte do movimento Art Public que realizou congressos em 1898; em 1904, Theodor Goecke funda a revista *Der Städtebau*, Marcel Poète e Louis Bourmier em 1916 usam o termo Art Public, os ingleses, Civic Art⁴. Acrescentaria Gustavo Giovanonni nesse rol de pensadores europeus preocupados com a estética urbana⁵.

Para Anne Van Loo, no entre guerras, as cidades-jardim se destacaram como um dos elementos-chave na história social, na história da cidade e da arquitetura. Com o movimento cooperativo, cidades-jardim representaram um modelo alternativo de vida, foram o centro de melhoria inegável e serviram de suporte para a invenção de

⁴ CALABI, Donatella. *História do Urbanismo Europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

⁵ GIOVANNONI, Gustavo. *Textos Escolhidos*. Cotia: Ateliê, 2013. O texto original: *Vecchie città ed edilizia nuova*. Torino: Unione tipografico-editrice torinese, 1931.

novas formas urbanas. Esta peculiaridade explica-se pela forma como esta experiência se insere na história da habitação social na Bélgica, mas sem dúvida também encontra a sua origem no fato de os jovens arquitetos modernistas belgas que pertencem ao movimento socialista, vão trabalhar no campo da habitação social⁶.

Em poucos anos, em todo o país, são construídas dezenas de milhares de habitações sociais inspiradas na ideia de cidade-jardim. Não cidades autônomas, e sim bairros residenciais equipados com serviços coletivos de primeira necessidade (escolas, postos de saúde, lojas), com instalações culturais destinadas a reforçar a coerência e a solidariedade social (equipamentos esportivos, salas de conferência, bibliotecas).

Abriu-se um vasto campo de pesquisas formais e técnicas: blocos pré-fabricados, estruturas e vedações, standardização de vigas em ferros ou em concretos armado, paredes de concreto magro executadas em formas reutilizáveis. Na Bélgica, a cidade-jardim é um dos trampolins do modernismo (vide o canteiro de obras experimental de 1921, em La Roeu, distrito de Anderlecht, com sessenta tipos de casas operárias diferentes) (CALABI, 2015, p.233).

A experiência inglesa e os escritos de Raymond Unwin (1863-1940) tiveram um duplo impacto na Bélgica: tanto a base cooperativa que fundou o movimento das cidades-jardim quanto à forma urbana e arquitetônica. No contexto da reconstrução da Bélgica após as devastações da guerra, o modelo inglês foi utilizado - ou pelo menos reinterpretado - à escala do território nacional para resolver o problema da extensão das grandes cidades e da habitação popular que somavam o déficit de cerca de 200 mil habitações.

Segundo Anne Van Loo, os jovens arquitetos modernistas desejavam ver o país renascer de forma moderna, de maneira a resolver os problemas do desenvolvimento da grande cidade industrial e seus subúrbios, e ao mesmo tempo aspiravam a uma arquitetura explicitamente baseada em uma concepção socialista da sociedade⁷.

Principal teórico dos princípios defendidos na reconstrução da Bélgica, Louis Van der Swaelmen (1883-1929), arquiteto paisagista, inicialmente se mobilizou para a proteção e conservação de monumentos e paisagens. A partir dessa experiência voltou-se ao urbanismo, cujo sentido e papel cívico se esforçará por sublinhar, publicou *Les Préliminaires d'art civique* (1916) considerado um dos primeiros tratados de urbanismo em língua francesa.

O Comitê de Arte Cívica Holandês-Belga com o objetivo de reconstruir a Bélgica em bases racionais foi criado na Holanda, onde esteve refugiado durante a guerra, com Hendrik Petrus Berlage (1856-1934), Joseph Theodorus Cuypers (1861-1949) e Hubrecht Hoste (1881-1957), jovem arquiteto belga ligado ao movimento *De Stijl*. Raphaël Verwilghen (1885-1963), na Inglaterra participa dos trabalhos e reuniões da International Garden Cities and Town Planning Association, cujo objetivo é construir "cidades modelo" na Bélgica. O modelo em questão é uma adaptação da Garden City de Howard em solo belga. De 11 a 16 de fevereiro de 1915, a Conferência de Planejamento Urbano sobre a reconstrução da Bélgica foi realizada no Guildhall, em Londres com contribuições de enquadramento jurídico para a reconstrução de regiões devastadas foram feitas pela Société Française des Habitations à Bon Marché.

⁶ VON LOS, Anne, in: GIRARD, Paulette (dir.); FAYOLLE-LUSSAC, Bruno (dir.). *Cités, cités-jardins: une Histoire Européenne. Cidades/cidades-jardim: uma história europeia*. Nova edição [online]. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1996 (gerado em 16 de agosto de 2020). Disponível na Internet: <<http://books.openedition.org/msha/15267>>. ISBN: 9782858925674. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.msha.15267>. P.35-51.

⁷ As relações diretas que eles veem entre ideologia e arquitetura vêm especialmente da Holanda, onde eles têm muitos contatos. O arquiteto Fernand Bodson (1877-1966), uma das pontas de lança do movimento da cidade-jardim, trabalhou entre 1901 e 1902 no escritório do arquiteto holandês J. Th. Cuypers. VAN LOO, Anne. *A cidade-jardim, laboratório do movimento moderno na Bélgica In: Cities, Garden cities: A European history*[conectados]. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1996 (gerado em 16 de agosto de 2020). Disponível na Internet: <<http://books.openedition.org/msha/15330>>. ISBN: 9782858925674. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.msha.15330>.

Raphaël Verwilghen arquiteto do Ministério das Obras Públicas foi autor do primeiro decreto-lei que trata do urbanismo na Bélgica (1915) que obrigava os municípios a traçarem planos gerais antes de iniciarem a reconstrução das suas zonas sinistradas.

Experimentações de materiais e técnicas

A União das Cidades e Municípios Belgas para a construção das cidades jardim, em 1917, organizou três competições para construção em Couillet, Jemappes e Willebroeck. Uma das primeiras realizações, em 1919, é o bairro de Batávia em Roeselare, que se destina a testar os custos, prazos e condições de implementação desses projetos. O objetivo seria demonstrar que a construção definitiva em materiais duros constituía uma alternativa aos abrigos temporários construídos para abrigar os sem-teto. O complexo da Batávia reuniu cerca de cem moradias e o prazo de construção foi de 120 dias úteis por grupo de cinquenta moradias.

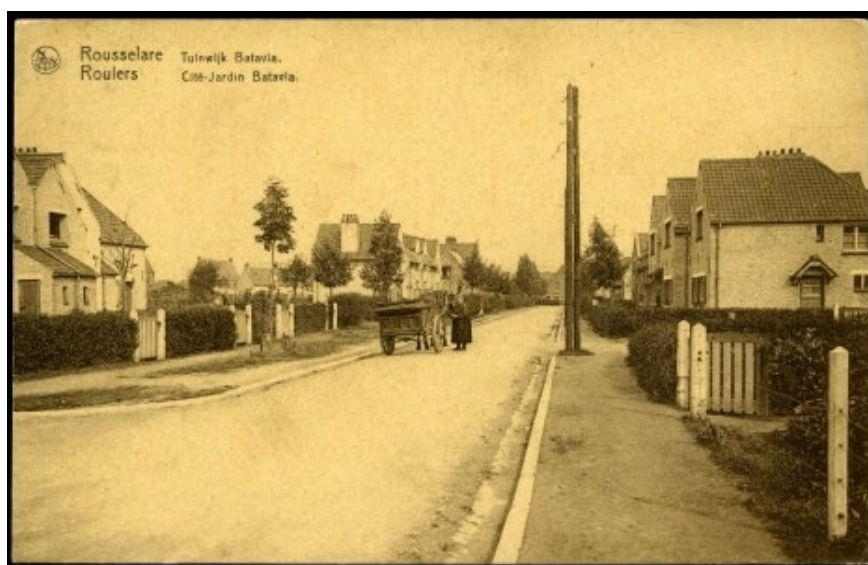


FIGURA 1 – Bairro de Batavia em Roeselare

Fonte: collection Stadsarchief Roeselare. Disponível em: https://veertienachtien.be/sites/veertienachtien.be/files/styles/detail-large/public/images/batavia_1418jd_011_representation_15054_original_2.jpg?itok=6yKEXEWk.

Rafael Verwilghen, chefe do departamento de construção do Escritório das Regiões devastadas (Office des Régions Dévastées) e Louis van der Swalmen haviam adquirido sólida reputação por meio de pesquisas iniciadas vários anos antes no campo da habitação para trabalhadores e se destacaram por sua participação no concurso Couillet. Batavia é bem realizada e a experiência termina com a possibilidade de construir uma casa de trabalhadores em materiais duradouros por um preço médio de dez mil francos belgas, base de referência para todos os projetos futuros.

Antoine Pompe (1873-1980) será ainda responsável pela construção da cidade jardim de Hautrage-Nord (1921), onde testa um processo de construção econômica de sua própria invenção, o "Sistema DS", desenvolvido para a empresa De Smaele e patenteador em 1920. Aqui, a implementação de elementos pré-fabricados para a realização das paredes provocou violentas reações dos pedreiros, que temiam ferir as mãos e perder suas habilidades. O tijolo - geralmente feito no local e nem sempre de excelente qualidade - continuará a ser na Bélgica o principal material de construção das cidades-jardim, apesar das muitas experiências feitas no campo de novos materiais.

Em 1921, em La Roue, em Anderlecht, cidade localizada a sudoeste da aglomeração de Bruxelas, com base em um plano urbano de Van der Swaelmen e sob a direção

de Jean Jules Eggericx (1884-1963) nomeado arquiteto coordenador, vários arquitetos modernistas são convidados a explorar e testar vários métodos de construção em casas de cerca de sessenta trabalhadores, todos diferentes uns dos outros. Experimentava-se tanto com novos materiais para suprir a escassez causada pela guerra, quanto com novas técnicas de implementação que surgem da padronização de elementos de construção. Em planos impostos pela Société Nationale des Habitations à Bon Marché, Louis Herman De Koninck (1896-1984) constrói casas de trabalhadores em blocos da Geba, um processo que a empresa De Smaele desenvolveu após o fracasso do "Sistema DS". A empresa Geba, cujas oficinas realizadas por De Koninck entre 1920 e 1921 estão localizadas em Zandvoorde, perto de Ostend. Entre 1920 e 1924, a empresa experimentou uma prosperidade efêmera, fomentada por inúmeros programas de reconstrução em regiões devastadas.

Em Kapelleveld, Víctor Bourgeois usou o **Nonplus**, processo de construção em concreto magro e escória industrial, despejado em fôrmas (removíveis e reutilizáveis) da altura de um andar tinha a dupla vantagem de ser rápido e não exigir mão de obra especializada. Ao adaptar o dimensionamento a utilizar o mínimo de moldagem possível, Bourgeois consegue reduzir o preço da construção em 14%.

La cité: urbanisme, architecture, art public

Depois do exílio, de volta à Bélgica, Van der Swaelmen e Verwilghen fundaram a revista **La Cité: urbanisme, architecture, art public** que, desde sua primeira edição, organizou e fez movimento em favor da cidade-jardim. A revista fundada em 1919 teve papel fundamental no Movimento Moderno na Bélgica e se tornaria porta-voz da Sociedade Belga de Urbanismo, depois, em 1930, contudo, o órgão oficial do CIAM belga lhe cedeu uma posição meramente coadjuvante.

Em uma das primeiras edições, Verwilghen escreveu: "O planejamento urbano é uma ciência aplicada que tende a criar a estrutura material para uma nova ordem social." No contexto político da Bélgica do pós-guerra, esta declaração não é inteiramente utópica pois houve conquistas reais permitidas por um governo de unidade nacional no qual os socialistas participaram e, sob a pressão destes, uma série de reformas importantes foram realizadas. Primeiro, em 1919, o sufrágio universal simples (masculino) e a criação da Société Nationale des Habitations à Bon Marché; segundo, em 1920, a introdução da pensão por velhice; terceiro, em 1921, a adoção da jornada de oito horas e da semana de seis dias, reformas nascidas em clima de pacifismo e internacionalismo.

O decreto-lei de 1915 que obrigava à realização dos planos gerais de desenvolvimento pelas comunas não seria aplicado nem tampouco seriam feitos os estudos preparatórios para a reconstrução. Os chamados "tradicionalistas" que advogavam a reconstrução nos moldes do refazimento conseguem se impor e a reconstrução é feita às pressas, trama a trama, cada um por si e sem qualquer projeto global, na maioria das vezes inspirando-se no que já existia ou nas particularidades arquitetônicas locais. Em Dixmude, foi feita uma espécie de releitura dos prestigiosos edifícios que margeiam a praça principal. As soluções adotadas para a reconstrução de cidades históricas como Dinant, Louvain, Ypres ou Nieuport pareciam provocação aos olhos dos modernistas que batizam essas construções de "falso-velho" ou "velho-novo".⁸

⁸ A conhecida prática do falso histórico já condenada na disciplina da restauração no século 20. CARBONARA, Giovanni. *Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti*. Napoli: Liguori Editore, 2010.

Hubrecht Hoste, ao contrário, utilizou formas simplificadas dos elementos decorativos e a recusa de qualquer refazimento, contra o falso histórico e falso estético que acabaram por predominar nas intervenções das áreas devastadas.⁹

FIGURA 2 – Restauo de arquitetura por Huib Hoste: antes e depois.

Fonte: Cité, La, Volume 6, Number 1, July 1926. Disponível: <https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192607-01.1.17&ext=jpg&width=760&crop=104,123,6082,4368>



Os modernistas voltaram-se então para a habitação social, o único nicho de contratação pública que lhes era acessível. Participam da primeira conferência organizada em abril de 1920 em Bruxelas pela União das Cidades e Municípios Belgas. Nessa ocasião foram definidas as grandes linhas de ação da Société Nationale des Habitations à Bon Marché, recém-criada. A empresa concedeu empréstimos a taxas de juro baixas e reembolsáveis a longo prazo, de forma a permitir a construção de habitações a rendas baixas.

Van der Swaelmen foi o autor do desenho urbano e paisagístico das cidades mais marcantes a partir de 1919. Para ele, a realização de uma cidade-jardim era um trabalho coletivo, o desenvolvimento de uma nova maneira de viver, acreditava e trabalhava para construir o símbolo de uma nova comunidade com a qual os moradores poderiam se identificar. Razão pela qual tentava, quando possível, projetar suas cidades em consulta com os habitantes.

A abordagem de Van der Swaelmen, em que pese ser inspirada nos escritos de Unwin, não evocava a nostalgia medieval, nem a prioridade industrial, a localização dos edifícios permanecia pitoresca, mesmo no caso do mais radical deles: a Cité Moderne em Berchem-Sainte-Agathe (Bruxelas) feita em colaboração com der Swalmen e Victor Bourgeois. Os empreendimentos foram pautados pela orientação solar e pelos desníveis do terreno. A densidade média proposta é de cerca de 30 moradias por hectare. Hierarquia de espaços públicos, perfis viários diferenciados e acessibilidade dos jardins situados no interior do quarteirão. As habitações são agrupadas em formas urbanas e espaços visualmente fechados. As instalações do bairro costumavam ser agrupadas em uma praça, de modo a concentrar a vida coletiva. Van der Swaelmen é apoiado pelo movimento cooperativo e por um núcleo de arquitetos para os quais uma nova imagem arquitetônica deveria corresponder a um novo modelo de vida comunitária.

⁹ A simplificação das formas em restauro já havia sido testada na Itália do século 19 com Valadier, no restauro do Arco de Tito. CAR-BONARA, Giovanni. Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti. Napoli: Liguori Editore, 2010

FIGURA 3 – La Cité Moderne

Fonte: Disponível em:
<http://belgiumonstage.be/sites/default/files/pictures/SINT-AGATHA-BERCHEM.jpg>



Fritsken1945

www.delcampe.net

FIGURA 4 – Wijk Zuid-Australië

Fonte: Disponível em:
https://www.lier1418.be/sites/default/files/sli001016892_0.jpg



Van der Swaelmen imaginava estruturar o cordão de cidades que se desenvolveriam em torno da capital como um futuro subúrbio-jardim, cujos diversos elementos estariam ligados por uma rede de avenidas arborizadas e parques, de modo a constituir um verdadeiro Sistema-Parque.

Todos consideram-se modernistas, apesar das diferenças, se Huibrech. Hoste, V. Bourgeois vinculam-se ao *De Stijl*, os outros arquitetos transpõem modelos regionais, Flor van Reeth constrói o bairro de Antwerpsesteenweg no início dos anos 1920 como distrito ajardinado (Zuid-Australië). O nome se refere à origem do fundo que financia a construção: o Belgian Relief Fund from South Australia¹⁰ em que o autor reinterpreta o beguinag¹¹ flamengo. Procuram inspiração na arquitetura doméstica inglesa ou holandesa (Jean Jules Eggericx, Antoine Pompe, Fernando Bodson, L. François, P. Rubbers, Jean De Ligne).

¹⁰ Informação disponível em: https://www.lier1418.be/sites/default/files/sli001016892_0.jpg

¹¹ A beguinage, do termo francês béguinage, é um conjunto arquitetônico criado para abrigar beguinhas: religiosas leigas que viviam em comunidade sem fazer votos nem se aposentar do mundo.

Le Logis-Floréal (1922-1929), construído em conjunto por duas sociedades cooperativas a partir de 1922, é considerado o feito mais notável de Van der Swaelmen. Com suas 1.500 moradias (vinte e cinco a trinta moradias por hectare), seus equipamentos públicos e suas lojas, é também a conquista mais importante em termos de habitação de baixo custo.

Van der Swaelmen aproveitou um local acidentado de quase cinquenta hectares, criando seis unidades habitacionais diferentes (o triângulo, o quadrado, o trapézio, o funil, a ferradura, a rotatória, o planalto), caracterizado por um tratamento paisagístico e arquitetônico específico. Ambos obedecem, no entanto, a uma abordagem geral baseada numa hierarquia complexa de espaços públicos e privados e numa imagem arquitetônica muito homogênea, inspirada tanto no chalé inglês, na arquitetura doméstica holandesa e nos edifícios de F.L. Wright publicado pelo jornal holandês *Wendingen*. A construção do conjunto é confiada a três jovens arquitetos modernistas: Raymond Moenaert, L. François e Jean Jules Eggericx que, com a sua experiência de La Roue, assume a coordenação do local. Foi autor de vários tipos de moradias e do edifício conhecido com o nome de "ferradura", erguido num ponto mais alto da cidade Floréal, e que constitui ao mesmo tempo o centro comercial e o símbolo visual. A sua silhueta expressionista tão característica, deve-se à torre de água que se projeta sobre os seus oito pisos e que alimenta toda a cidade. A coerência do todo é ainda reforçada por uma série de tipologias urbanas fortes - como prédios de apartamentos que delimitam as cidades dos subúrbios - e pelos regulamentos estritos que as sociedades cooperativas impõem aos ocupantes. A manutenção das casas e jardins, a cor das molduras e dos ladrilhos, tudo está codificado e é proibido fazer qualquer modificação.



FIGURA 5 – Cité Jardin Le Logis-Flóreal.

Fonte: La Cité, vol.8, n.6, dezembro Disponível em:<https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192912-01.1.21&ext=jpg&width=498&crop=368,363,3984,3065>

FIGURA 6 – Cité Jardin Le Flóreal

Fonte: *La Cité*, vol.8, n.6, dezembro. Disponível em: <https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192912-01.1.23&ext=jpg&width=504&crop=464,611,4032,3217>



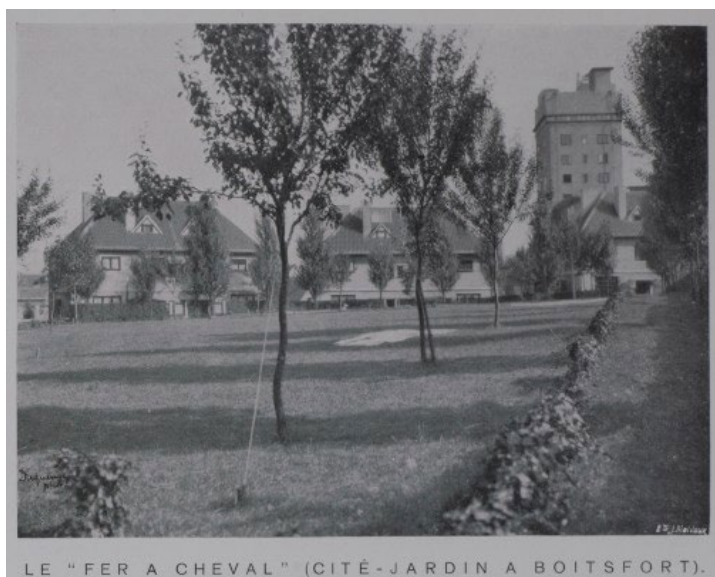
FIGURA 7 – Cité Jardin Logis-Flóreal.

Fonte: *La Cité*, vol.8, n.6, dezembro 1929. Disponível em: <https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192912-01.1.19&ext=jpg&width=490&crop=424,603,3920,3265>



FIGURA 8 – Cité Jardin Le Flóreal.

Fonte: *La Cité*, vol.8, n.6, dezembro 1929. Disponível em <https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192912-01.1.25&ext=jpg&width=491&crop=416,627,3928,3129>



Este regulamento ainda se aplica, inclusive para as poucas casas que, aos poucos, foram vendidas a proprietários privados. Parece também que, no caso de Logis e Floréal, longe de ser sentida como um constrangimento, a codificação muito estrita da apropriação das casas está na origem de um forte sentimento de pertença coletiva e um certo orgulho que ainda hoje torna essas casas muito populares.

Na cidade jardim de Kapelleveld, atravessado por três estradas pré-existentes, Van der Swaelmen aplica a hierarquia de tráfego proposta pelos modelos ingleses e tenta limitar o impacto dos três eixos implantando as moradias ao longo das ruas secundárias, traçadas perpendicularmente. Há uma sutil rede de caminhos pedonais e parcelas circulares sobranceiras aos jardins, cujas áreas foram aumentadas pelas autarquias que pretendiam dar à cidade a imagem de um bairro de vilas e não de vilas de um bairro de classe trabalhadora. A densidade é de menos de quinze moradias por hectare. As quatrocentas e doze moradias isoladas e as quatorze moradias bifamiliares que constituem o conjunto são confiadas a quatro arquitetos: Antoine Pompe (1873-1980), Huibrecht Hoste (1881-1957), Jean-François Hoeben (1896-1969) e Paul Rubbers (1900-1985) que exprimem múltiplas faces do Movimento Moderno. Ao lado das casas de Pompe - defensor da arquitetura com maior atenção ao uso dos materiais tradicionais - Hoste faz justaposições de volumes cúbicos mais próximos da arquitetura internacional.

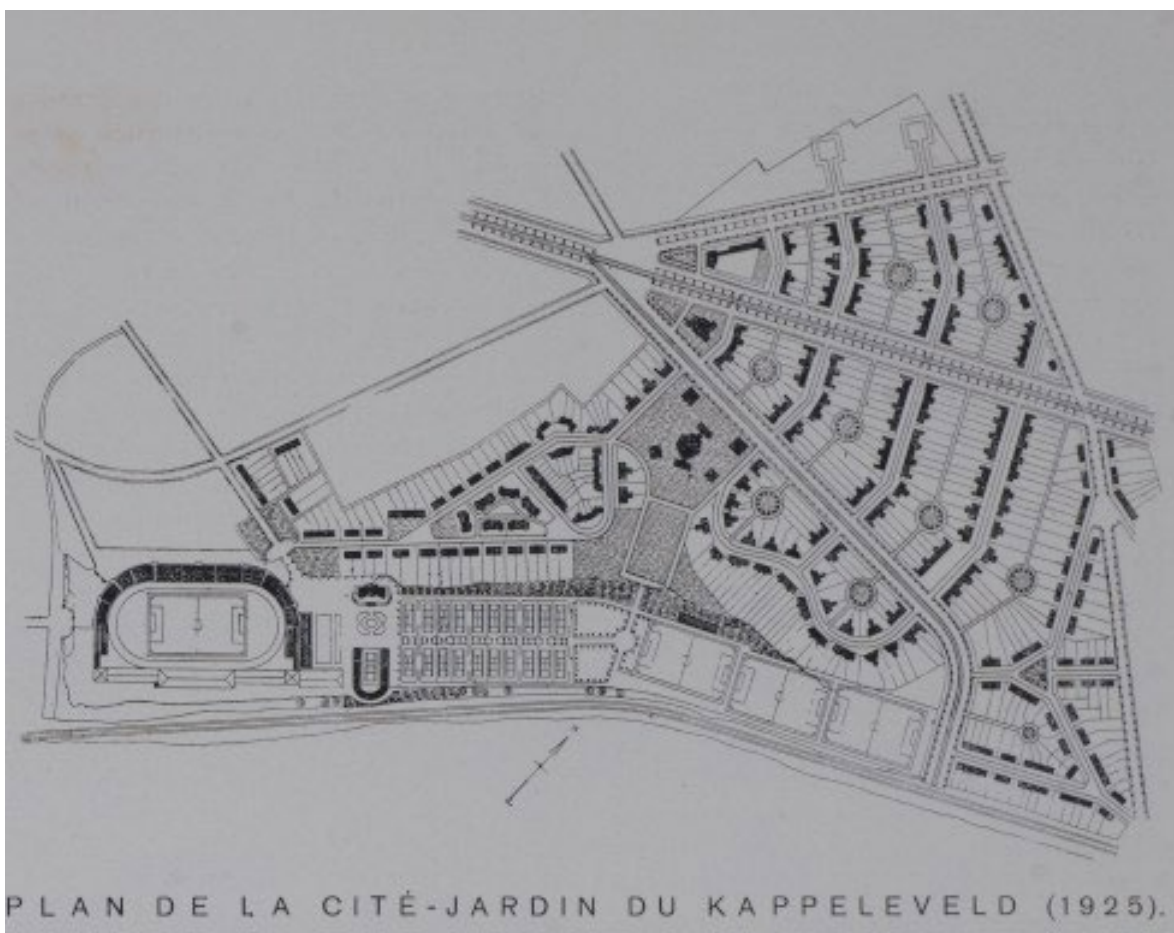


FIGURA 9 – Cité Jardin Du Kappeleveld.

Fonte: Disponível em: <https://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/imageserver.pl?oid=bmtnaac192912-01.1.27&ext=jpg&width=488&crop=448,664,3904,2864>

O terreno em Kapelleveld, área plana de cerca de seis hectares se estende irregularmente entre duas faixas de rodagem. O plano da cidade é articulado em uma série de ruas curtas, dispostas em ambos os lados de uma via principal de traçado não retilíneo. São rodeados por edifícios cuja densidade, acima da média, acentua o caráter urbano do conjunto. Este arranjo permite multiplicar os pontos de vista criando uma sucessão de espaços diferenciados (encruzilhada, praça, lugar). Há variedade tipológica: Victor Bourgeois estuda quinze tipos diferentes de habitação, variando de casas unifamiliares a edifícios de apartamentos, incluindo casas de artistas. Os jardins e espaços públicos criados em colaboração com Van der Swaelmen, o jardim cubista da “Place des Coopérations” substitui o teatro ao ar livre original. Havia um conjunto de equipamentos comunitários um centro cívico com biblioteca, sala de festas e reuniões que nunca serão construídos,

Projetada por Huibrecht Hoste e Van der Swaelmen, Klein Russland, em Zelzaete, na Flandres, na zona industrial que corre ao longo do canal de Gante a Terneuze, paralelo à linha ferroviária, foi concebida como cidade industrial linear inspirada nos povoamentos lineares espontâneos e pitorescos que o arquiteto conheceu durante seus anos de exílio, ao longo dos canais holandeses.

Victor Bourgeois, a partir de 1925, dá início a uma carreira internacional, com contato com Adolf Behne, correspondente da revista 7 Arts in Berlin, e com o arquiteto suíço Hannes Meyer, futuro diretor da Bauhaus de Dessau e autor da cidade de Freidorf (1919-1925). A revista L’Habitation à Bon Marché considera que a obra “associa o espírito cívico ou social à libertação estética”. Por sua vez, Hannes Meyer publicou sob o título “Junge Kunst in België” número especial da revista Das Werk dedicada ao esforço moderno na Bélgica destacando a Cité Moderne. Em 1927, este sucesso levará Bourgeois a construir um edifício na cidade de Weissenhof, em Stuttgart, ao lado de Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier, JJP Oud. Em 1928, presidirá ao primeiro congresso do CIAM, reunido no castelo de La Sarraz, que reúne toda a vanguarda internacional.

Crise da narrativa

Em que pese a satisfação dos usuários e a crítica favorável da imprensa arquitetônica internacional sobre as cidades-jardim belgas, desde muito cedo, houve questionamento pelos círculos conservadores das estratégias da “Société Nationale des Habitations à Bon Marché” e, em particular, do sistema de sociedades cooperativas. A crise da narrativa se inicia com mudanças políticas no final de 1921, como queda do governo de unidade nacional e poder concentrado nos partidos conservadores que tomam a iniciativa de cortar subsídios às sociedades cooperativas. O movimento seria suspenso e a construção das instalações que iriam completar esses complexos residenciais foi retardada com a saída dos socialistas do governo em 1922. Havia receio por parte dos conservadores (católicos e liberais) de uma ocupação vermelha da Bélgica. Este medo era reforçado pelo fato de as cidades se afirmarem, através da forte imagem arquitetônica que as distinguia do seu meio, como grupos autônomos. Em contrapartida, o governo irá promover a pequena propriedade fundiária por meio de um auxílio individual para aquisição de moradias e construção e, a partir de 1926, a tarefa seria completar as cidades existentes. A partir da segunda metade da década de 1920 o fim dos pagamentos de indenizações de guerra pelos alemães retira uma contribuição financeira significativa nos projetos já iniciados e contribuiu para abandono dessa experiência.

Esgotada a possibilidade de construção de cidades os arquitetos belgas esforçaram-se para não deixar que a ideia da cidade jardim fosse descartada como parte importante na formulação da modernidade e resolvem participar da Mostra de Artes Decorativas e Industriais de Paris em 1925 com a proposta de uma "cidade-jardim em miniatura". No memorial do projeto, a "cidade-jardim em miniatura" é apresentada como uma obra coletiva, como a manifestação de um programa artístico unitário e como "um raro exemplo de submissão voluntária a uma disciplina artística mutuamente imposta e aceita". Os comentários indicam claramente que o caráter exemplar do projeto deve ser buscado em suas formas arquitetônicas e não em suas inovações construtivas ou no uso de elementos padronizados. A vontade de se submeter a uma linguagem comum resulta da adesão a um mesmo ideal de renovação social, mas, como também acontece na realidade, ela se expressa na diversidade.

Junto com as mudanças políticas, também vemos um vácuo ideológico se desenvolvendo nos periódicos. O interesse muda do conteúdo para a forma. Victor Bourgeois, que defendeu as múltiplas faces da modernidade, torna-se um defensor de uma arquitetura "indiferente". Ele acredita que é o desenvolvimento da técnica que vai salvar a arquitetura e fala em inspirar-se na "realidade interior", em descobrir "a autêntica realidade das coisas". Ao mesmo tempo, Henry van de Velde publicou as Fórmulas da Beleza Arquitetônica Moderna, uma obra em que mostra preocupações puramente estéticas e que foi publicada em 1923 com prefácio de Victor Bourgeois. Estamos testemunhando um retorno a uma concepção neoplatônica de forma e a linguagem moderna está se afastando gradativamente de suas intenções originais. (VAN LOO, 1996, p.40)

Conclusões finais: Experiência e política, o sentido de um manifesto retroativo

Com o fim da experiência da cidade-jardim, os arquitetos que sonhavam em construir novas cidades vão concentrar todos os seus esforços na elaboração de objetos arquitetônicos emblemáticos. Na tentativa de fazer parte do debate internacional, em particular, contribuem para as pesquisas sobre "habitação mínima", tema adotado pelo segundo congresso do CIAM (Frankfurt, 1929). A cidade-jardim será definitivamente abandonada no terceiro congresso do CIAM, que se realiza precisamente em Bruxelas no ano seguinte, a favor do edifício alto, livremente estabelecido.

Todos esses arquitetos certamente não falam a uma só voz, mas eles se reconhecem como "arquitetos modernistas" e estão agrupados na Sociedade Belga de Planejadores Urbanos e Arquitetos Modernos, que fundaram em 1919. Se o mito da vanguarda continua apesar na história recente e tende a reter apenas a estética purista que surgiu durante o período entre guerras, é claro que na Bélgica, o vernáculo e o regionalismo encontraram - precisamente por meio da aventura das cidades-jardim - uma nova expressão e uma nova atualidade no movimento moderno.

Para Anne Von Loo, tais experiências do período entre guerras na Bélgica, mostram o enriquecimento que esse desvio pelo regionalismo e pelo vernáculo constituiu para o Movimento Moderno. A experiência das cidades-jardim constituiu, durante pouco mais de cinco anos, um balão de ensaio privilegiado da atualização na estética moderna. Para nós a revisão do tema traz o entendimento de que a experiência dos arquitetos belgas de 1920 a 1926 foi campo privilegiado de ação do movimento moderno e é nesse sentido que tal experiência merece ser vista como um manifesto retroativo. Pensar na experiência da cidade-jardim belga como um manifesto retroativo quer

dizer procurar criar metáforas melhores para o habitat contemporâneo a partir da lembrança de que foi justamente num momento de perigo que tal experiência foi imaginada e criada como uma resposta baseada no entendimento de que é no plano da cidade que a política é feita.

Referências

LA CITÉ: URBANISME, ARCHITECTURE, ART PUBLIC. Bruxelas: Ed.François & Fills. julho 1919- junho de 1935. Disponível em: <http://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/bluemtn?a=cl&cl=CL1&sp=bmtnaac>

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. Uma nova ordem para a cidade a partir da casa: Registros em revista do Eng. Victor da Silva Freire Júnior. In: Marieta Dá Mesquita. (Org.). **Revistas de Arquitectura: Arquivo (s) da Modernidade**. Lisboa: Caleidoscópio, 2011, v. I, p. 54-77.

_____. Registros em revista: melhoramento, ciência urbanística e metrópole. **XIV Seminário de História da cidade e do urbanismo 2016. Cidade, arquitetura e urbanismo. Visões e revisões**. 13 a 15 de setembro de 2016. Disponível em: http://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/shcu_caderno_de_resumos.pdf

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Obras escolhidas Magia e Técnica Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.224.

CALABI, Donatella. **História do Urbanismo Europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CARBONARA, Giovanni. **Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti**. Napoli: Liguori Editore, 2010

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. Belo Horizonte: Fino traço, 2011.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889: Uma história mundial**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GIOVANNONI, Gustavo. **Vecchie città ed edilizia nuova**. Torino: Unione tipografico-editrice torinese, 1931.

_____. **Textos Escolhidos**. Cotia: Ateliê, 2013.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

JANNIÈRE, H. Distilled Avant-Garde Echoes: Word and Image in Architectural Periodicals of the 1920s and 1930s. **Architectural Histories**, 4(1), 21, 2016. DOI: <http://doi.org/10.5334/ah.211>

KÜHL, Beatriz. **Gustavo Giovannoni: Textos Escolhidos**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2013.

_____. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MESQUITA, Marieta Dá. (Org.). **Revistas de Arquitectura: Arquivo (s) da Modernidade**. 1ª ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2011.

SICA, Paolo. Historia del Urbanismo. **El Siglo XX**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1981.

SMETS, Marcel. **L'Avènement de la cité-jardin em Belgique. Histoire de l'habitat social em Belgique de 1830 à 1930**. Bruxelles: Mardaga, 1977.

TAFURI, M; DAL CO, F. **Architettura Contemporanea**. Milano: Electa, 2012.

TEYSSOT, Georges. **Da Teoria da Arquitectura : Doze Ensaios**. Edições 70: Lisboa, 2010.

VAN LOO, Anne. A cidade-jardim, laboratório do movimento moderno na Bélgica **In: Cities, Garden cities: A European history** [conectados]. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1996 (gerado em 16 de agosto de 2020). Disponível na Internet: <<http://books.openedition.org/msha/15330>>. ISBN: 9782858925674. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.msha.15330>

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 10/01/2021

Aprovado em 29/11/2021